

QUALIDADES MÉTRICAS DA ESCALA TORONTO DE ALEXITIMIA COM ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Marcos Alencar Abaide Balbinotti¹, Daniela Wiethaeuper², Marcus Levi Lopes Barbosa³, Alexandre Ortiz Ferreira³, Ricardo Hugo Gonzalez³.

RESUMO

O objetivo deste estudo é verificar importantes qualidades métricas da ETA-20 (Escala Toronto de Alexitimia-20) com estudantes universitários brasileiros, do curso de Educação Física, comparando-as com os resultados encontrados com diversos estudantes de outros países. A amostra constitui-se de 202 estudantes de ambos os sexos e com idades variando de 18 a 45 anos, do ensino superior, da rede privada. O índice Alpha de Cronbach obtido ($\alpha = 0,796$) para a escala total, com foi comparável com as outras amostras dos outros estudos (que variaram de 0,68 a 0,84). Os resultados de adequação ao modelo tridimensional para a amostra de estudantes de Educação Física brasileiros ($\chi^2/_{gl} = 3,59$; GFI=0,878; AGFI=0,849; RMSEA=0,071) são equivalentes àqueles apresentados em estudos de outros países. Os resultados indicam que o modelo original tri-dimensional pode ser replicado e utilizado em pesquisas com a população de estudantes de Educação Física no Brasil. A principal conclusão é que o instrumento é válido e fidedigno. Novos estudos devem explorar a possibilidade de uso clínico deste aspecto da personalidade por psicólogos do esporte.

Palavras-chave: Alexitimia; estudantes universitários; validade; educação física.

ABSTRACT

The objective of this study is to verify important metric qualities of the ETA-20 (Toronto Alexithymia Scale-20) with Brazilian university students of Physical Education, comparing them with the results found with diverse students of other countries. The sample consists of 202 students, male and female, of a private university. The Cronbach's Alpha gotten ($\alpha = 0,796$) for all instrument is compatible with others samples of the others studies (between .68 and .84). The results of the tridimensional model gotten with these students ($\chi^2/_{gl} = 3.59$; GFI = .878; AGFI = .849; RMSEA = .071) are equivalents to those presented in studies of other countries. The results indicate that the three-dimensional original model fit and can be used in research with the population of students of Physical Education in Brazil. The main conclusion is that the instrument is validates and reliable. New studies must explore the possibility of clinical use of this personality aspect by sport psychologists.

Key-words: Alexithymia, university students, validation, physical education.

INTRODUÇÃO

Este estudo faz parte de uma pesquisa maior e continuada que visa explorar e descrever o perfil do estudante de Educação Física brasileiro, considerando características e aspectos variados relativos ao seu desenvolvimento profissional e a sua personalidade. Especificamente, esta pesquisa visa explorar, a partir de dados colhidos na realidade brasileira, qualidades métricas da versão brasileira da Escala Toronto de Alexitimia (ETA-20), a partir de uma amostra de estudantes do curso de educação física de uma universidade privada do sul do Brasil. Ainda, pretende-se explorar possíveis semelhanças e diferenças nos dados obtidos com esta amostra e as de outros países. Para melhor responder a estes objetivos, apresentam-se, inicialmente, aspectos referentes ao plano teórico relativo à alexitimia e, posteriormente, os aspectos referentes ao plano empírico também relativo a este mesmo construto, mas apresentando alguns resultados importantes de pesquisa onde, de certa forma, já foram exploradas estas qualidades em outros países.

ALEXITIMIA NO PLANO TEÓRICO

No plano teórico (NEMIAH & SIFNEOS, 1970; SIFNEOS, 1972, 1973; TAYLOR, BAGBY & PARKER, 1997), a Alexitimia é definida como um construto multidimensional embasado na incapacidade ou dificuldade de identificar, distinguir ou conscientizar-se dos próprios sentimentos emocionais subjetivos (emoções e estados de ânimo). Foi originalmente concebido para descrever um grupo de características cognitivas e afetivas observado em pacientes psicossomáticos. O significado da palavra, a partir das raízes gregas, seria *A* (falta, sem), *lexis* (palavra) e *thimos* (afeto), ou seja, sem palavras para os afetos. Mais especificamente, Nemiah e Sifneos (1970) definem a Alexitimia como possuindo as seguintes características: a) notável

dificuldade de identificar e descrever sentimentos; b) dificuldade de fazer distinção entre sentimentos e sensações corporais provindos de excitações internas; c) carência de fantasias e processos imaginários marcadamente constrictos; d) estilo cognitivo concreto e baseado na realidade tão somente – também entendido como pensamento externamente orientado ou pensamento operatório; e, finalmente, e) alto grau de conformidade social com pouco contato destes indivíduos com suas próprias realidades psíquicas (TAYLOR, BAGBY, & PARKER, 1991). Com o desenvolvimento das ciências cognitivas, hoje é possível definir que tais processos refletem um déficit na capacidade cognitiva de processar e regular emoções (KRYSTAL, 1988), constituindo-se em um mecanismo psicopatológico de uma ampla variação de importantes psicopatologias e de condições de saúde precárias (TAYLOR, BAGBY, & PARKER, 1997).

INVENTÁRIOS DE ALEXITIMIA

Para melhor responder às necessidades teóricas, diversos instrumentos têm sido desenvolvidos para avaliar alexitimia, como os questionários *Alexithymia Provoked Response Questionnaire* (KRYSTAL, GILLER, & CICCHETTI, 1986) e *Beth Israel Hospital Psychosomatic Questionnaire* (SIFNEOS, 1973). As escalas auto-aplicáveis mais utilizadas são a *Analog Alexithymia Scale* (FARYNA, RODENHAUSER, & TOREM, 1986), a *MMPI Alexithymia Scale* (KLEIGER & KINSMAN, 1980), a *Schalling-Sifneos Personality Scale* (APFEL & SIFNEOS, 1979) e a *Revised Schalling-Sifneos Personality Scale* (SIFNEOS, 1986). No entanto, questiona-se sobre a validade e a generalizabilidade no plano transcultural dos resultados dos estudos que os empregaram (BAGBY, PARKER, & TAYLOR, 1991). Como tentativa de solução desses problemas, TAYLOR, RYAN E BAGBY (1985) desenvolveram a Escala Toronto de Alexitimia (TAS-26). Apesar das propriedades psicométricas da TAS-26 terem sido satisfatórias, outros pequenos problemas métricos foram encontrados. Assim, Bagby, Taylor e Parker (1992) desenvolveram a TAS-20. Os resultados das análises fatoriais confirmatórias com a TAS-20 sugerem que esta versão mede a dimensão geral da alexitimia a partir de três fatores distintos e satisfatoriamente correlacionáveis. Estes três fatores refletem distintas facetas do construto da alexitimia: dificuldade de identificar sentimentos (fator 1); dificuldade de descrever sentimentos para outros (fator 2); e, finalmente, estilo de pensar orientado para o exterior (fator 3).

ALEXITIMIA NO PLANO EMPÍRICO TRANSCULTURAL

No plano empírico, recentemente tem-se notado um crescente número de estudos transculturais com respeito ao construto alexitimia. Por exemplo, Kirmayer (1987) tem explorado este construto como um fenômeno social e cultural; Prince (1987) o tem estudado em psicoterapias, também observando um viés cultural; e, finalmente, Wierzbicka (1999) tem se preocupado com o estudo das emoções e sentimentos entre diferentes línguas e culturas. Se, por um lado, este construto tem despertado a atenção de pesquisadores com vieses transculturais, por outro lado a própria TAS-20 tem sido alvo de mais de uma dezena de estudos onde se privilegiam, precisamente, as qualidades métricas desta escala, em diversos contextos culturais e/ou de línguas (e costumes) diferentes daquela onde esta foi concebida. Em um recente estudo (TAYLOR, BAGBY, & PARKER, 2003), os autores dedicaram-se em apresentar os resultados de algumas qualidades métricas da TAS-20 utilizada em diferentes línguas e culturas. Estes estudos apresentaram amostras de diferentes populações: pacientes de cuidados primários, adultos normais, pacientes psiquiátricos, pacientes de medicina geral, pacientes psicossomáticos, e, finalmente, estudantes. Para fins deste estudo, realizado com uma amostra da população de estudantes universitários do curso de Educação Física, destacou-se, da tabela originalmente apresentada por Taylor, Bagby, e Parker (2003), doze países citados cujas qualidades psicométricas foram obtidas com o TAS-20, com amostras de estudantes (ver Tabela 1).

Após a revisão dos estudos listados na Tabela 1 (e mesmo de outros estudos com outras amostras de populações diversas), os autores concluíram que a replicabilidade do modelo em três fatores, encontrados na TAS-20, parece suportar o uso deste instrumento em “culturas altamente diferentes” (p. 282). Sugerem ainda que outras culturas e países (e línguas) deveriam explorar estes dados métricos deste promissor instrumento. Por fim, arriscam-se considerar a alexitimia um construto universal, que transcende as barreiras culturais (de países, línguas e costumes).

Tabela 1: Índices estatísticos das propriedades métricas avaliadas a partir do TAS-20 com amostras de estudantes de diversos países (TAYLOR, BAGBY & PARKER, 2003), inclusive o Brasil (WIETHAEUPER et al., 2005).

Países	N	Descritiva	α	Razão	Ajustamento		
		\bar{X} (DP)		χ^2/gf	GFI	AGFI	RMSR
Finlândia	516	38,9 (8,2)	0,76	3,10	0,90	0,88	0,06
França	263	45,8 (9,7)	0,73	----	0,89	0,86	0,07
Bélgica	380	----	0,79	2,75	0,87	0,84	----
Alemanha	306	45,3 (10,1)	0,80	2,40	0,88	0,86	0,06
Coréia do Sul	388	51,2 (8,6)	0,76	2,43	0,90	0,88	0,06
Tailândia	299	52,0 (10,4)	0,84	1,86	0,91	0,88	0,06
Noruega	229	40,1 (9,0)	0,79	2,06	0,87	0,84	0,07
Polônia	286	53,7 (9,2)	0,68	2,32	0,89	0,86	0,08
Portugal	298	47,2 (10,8)	0,79	1,83	0,91	0,88	0,06
Espanha	602	50,6 (11,3)	0,78	4,24	0,90	0,88	0,06
Peru	228	55,5 (11,7)	0,70	1,57	0,90	0,90	0,07
Suécia	157	41,6 (9,2)	0,83	1,44	0,88	0,85	----
Brasil	487	46,42 (11,69)	0,77	3,67	0,88	0,85	0,07

QUESTÃO CENTRAL DE PESQUISA

Partindo-se dos planos teóricos e empíricos apresentados anteriormente, foi possível formular a seguinte questão de pesquisa: “a partir de dados colhidos com estudantes de Educação Física, poder-se-á encontrar índices similares àqueles encontrados em outros países e/ou culturas onde a TAS-20 já foi aplicada em amostras da população de estudantes?” Para bem responder esta questão, foram empregados procedimentos metodológicos, éticos e estatísticos. Estes procedimentos serão apresentados a seguir.

MÉTODO

Procedimentos, sujeitos e instrumentos

O recrutamento dos sujeitos foi realizado em salas de aulas, no ano de 2006. Os princípios de respeito à pessoa e da autonomia (GOLDIM, 2007a), da beneficência (GOLDIM, 2007b), da não-maleficência (GOLDIM, 2007c) e, ainda, os princípios e regras fundamentais do consentimento informado (BALBINOTTI & WIETHAEUPER, 2002), todos conforme as diretrizes da Resolução n.º 196, de 10 de outubro de 1996 do Conselho Nacional de Saúde (2008), foram rigorosamente seguidos. Com base nestes cuidados procedurais, o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul analisou e aprovou o projeto por considerá-lo ético e metodologicamente adequado. Número de referência: 2006569. O tempo necessário para responder ao instrumento deste estudo foi de, aproximadamente, 8 minutos (excluindo o tempo de apresentação do instrumento e as formalidades preliminares).

A escolha da amostra foi por conveniência (não aleatória), considerando as colocações de Maguire & Rogers (1989) com respeito às problemáticas à seleção dos elementos constitutivos de uma amostra aleatória de pesquisas em educação; embora com o consciente cuidado de evitar grupos de classes especiais (como graduações de referência, extensões e cursos de pós-graduação, entre outros). Os 202 estudantes de ambos os sexos e com idades variando de 18 a 45 anos – do ensino universitário implicados nesta pesquisa – estavam regularmente inscritos em disciplinas dos semestres 4, 5, 6 e 7 (de um total de 10 semestres), e foram recrutados em uma universidade da região da grande Porto Alegre. Destaca-se que esta amostra é composta por 116 (57,4%) estudantes do sexo masculino e de 86 (42,6%) estudantes do sexo feminino.

Foram utilizados dois instrumentos: um *Questionário Sócio-Demográfico Simples* – QSDS – apenas para controle das variáveis: sexo e idade) e a versão brasileira da *Escala Toronto de Alexitimia* – ETA-20 (WIETHAEUPER & BALBINOTTI, 2003). Este último já está sendo objeto de estudos de validação para uso clínico.

A *Escala Toronto de Alexitimia*. A ETA-20 (WIETHAEUPER & BALBINOTTI, 2003) é a versão brasileira da “Toronto Alexithymia Scale” (TAS-20) elaborada por Bagby, Taylor e Parker (1992). Ela foi originalmente elaborada com o objetivo de avaliar, basicamente, três dimensões distintas, mas relacionáveis:

1) dificuldade de identificar sentimentos e sensações corporais; 2) dificuldade de descrever sentimentos para os outros; 3) pensamento orientado externamente. Tomadas em conjunto, essas dimensões permitem uma avaliação global do construto “alexitimia”. A ETA-20 é constituída de 20 itens referentes às próprias emoções e estados de ânimo dos sujeitos. Cada item é avaliado por uma escala bidirecional em 5 pontos, de tipo Likert, indo de “completamente falso” à “completamente verdadeiro”. Um escore elevado indica um alto grau de alexitimia. O tempo aproximado de aplicação da escala é de 10 minutos. Requerem-se, apenas, respostas sinceras por parte dos sujeitos. A tradução da ETA-20 seguiu os princípios norteadores sugeridos por Vallerand (1989): duas traduções inversas e paralelas por abordagem avaliativa final de tipo comitê. Após alguns ajustes menores, julgou-se que a ETA-20 estava própria para uso na população alvo. Ainda, visando uma adequada compreensão por parte dos possíveis sujeitos alvo, utilizou-se um procedimento de análise semântica dos itens sugerido por Pasquali (2003): a utilização de oito juízes retirados da própria população para a qual se quer adaptar (construir ou utilizar) o instrumento, a fim de verificar, por um lado, a compreensibilidade dos itens para o extrato mais baixo da população alvo e, por outro lado, evitar deselegâncias na formulação (adaptação) dos itens para poder-se também atingir, adequadamente, o extrato “mais sofisticado” (p. 107) desta mesma população. As três abordagens realizadas (seja, a primeira, as duas traduções inversas, e, seja a segunda e a terceira, as duas sub-amostras independentes, de 4 sujeitos cada, da própria população alvo), em formato comitê, garantiram, na medida do possível, a clareza, a pertinência e a compreensão do conteúdo dos itens, ao mesmo tempo que a certeza de não haver dificuldades maiores de aplicação.

RESULTADOS, INTERPRETAÇÕES E DISCUSSÕES

Para responder adequadamente à questão central desta pesquisa, apresentam-se, sucessiva e sistematicamente, os resultados do índice Alpha de Cronbach (para estudo da consistência interna da escala) e da análise fatorial confirmatória (para o estudo da pesquisa da validade de construto para utilização com o grupo específico de estudantes de Educação Física).

ÍNDICE ALPHA DE CRONBACH (ESTUDO DA CONSISTÊNCIA INTERNA)

O modelo *Alpha* foi testado a partir do SPSS 11.5, verificando-se a consistência interna da versão brasileira da Escala Toronto de Alexitimia. Foi utilizado o modelo proposto por Cronbach e seus colaboradores (CRONBACH, 1951, 1988, 1996; CRONBACH & MEEHL, 1955; CRONBACH, RAJARATNAM, & GLENER, 1963). Com base nos resultados obtidos, pode-se indicar que o coeficiente *Alpha* para a escala total, mesmo sem a retirada de nenhum item ($\alpha = 0,796$), indicou um satisfatório índice de consistência interna para a ETA-20, com a amostra de estudantes de Educação Física. Verificou-se se a retirada de alguns itens causaria um aumento importante neste índice. Esta hipótese foi negada, mesmo que alguns itens apresentassem correlações fracas (ou muito fracas) com a escala total; optou-se por mantê-los, pois a exclusão poderia causar perda na validade de conteúdo (principalmente quanto à pertinência e a adequada exploração de todas as arestas – significados – do conceito). Pode-se interpretar esses resultados dizendo que a ETA-20 é uma escala fidedigna e consistente, e recomenda-se seu uso com estudantes de Educação Física.

ANÁLISE FATORIAL CONFIRMATÓRIA

O modelo de três fatores da ETA-20 foi testado a partir do pacote AMOS 4.0, verificando-se a validade de construto e a replicabilidade deste modelo em caráter transcultural. Foi usado o modelo proposto por Bagby, Taylor e Parker (1992), que considera que cada item deve aferir apenas um fator, diferenciando-se, portanto, do modelo fatorial exploratório (onde cada item apresenta saturações fatoriais nos diversos fatores com valores próprios superiores a 1).

Esta amostra apresentou um qui-quadrado significativo ($\chi^2 = 609,487$; $p < 0,001$), resultado que é tipicamente encontrado em grandes amostras. Por essa razão, alguns autores têm descartado esse dado de suas análises, afinal de contas trata-se de uma estatística extremamente sensível ao número de sujeitos da amostra. As outras quatro importantes medidas de adequação ao modelo tridimensional estão de acordo com os critérios padrões, garantindo-se assim, a adequação do modelo para a amostra brasileira de estudantes de Educação Física: $\chi^2/_{gl} = 3,59$; GFI = 0,878; AGFI = 0,849; RMSEA = 0,071. Pode-se notar que esses resultados estão absolutamente de acordo com os valores encontrados em outras amostras de população estudante, de outras culturas, línguas e países (ver Tabela 1). Devem-se interpretar positivamente esses

índices. Além de responderem satisfatoriamente aos critérios da replicabilidade do modelo de três fatores propostos na literatura especializada, garantem a validade e a transculturalidade do construto em análise.

CONCLUSÕES E SUGESTÕES DE NOVOS ESTUDOS

Com ajuda de uma amostra de estudantes brasileiros de educação física, este estudo teve por objetivo verificar importantes qualidades métricas da ETA-20 comparando-as com os resultados encontrados a partir de diversas amostras de estudantes de outros países. Inicialmente pode-se concluir que o valor encontrado para a consistência interna da ETA-20, com este grupo específico de estudantes em estudo, é satisfatório, podendo-se concluir que a escala em questão é uma medida fiel de alexitimia para estudantes de Educação Física. Ainda, os resultados obtidos a partir dos índices fatoriais confirmatórios, garantem a conclusão de que esse conjunto de itens avalia o construto “alexitimia”, isto é, avalia o que se propõe avaliar, portanto uma escala válida para a medida deste traço de personalidade para o grupo de estudantes de Educação Física. E, finalmente, o conjunto de resultados encontrados são efetivamente comparáveis àqueles de outros países (e mesmo do grupo geral de estudantes do Brasil) apresentados na Tabela 1. Esta escala pode ser particularmente interessante para que psicólogos do esporte tenham uma ferramenta válida e fidedigna a sua disposição, quando se interessarem em medir a alexitimia de seus clientes. Por tratar-se de um conceito relativamente novo mesmo na área psicológica, sugere-se cautela no uso deste conceito (traço de personalidade), usando-o preferencialmente, dentro de um modelo maior onde a alexitimia seja apenas uma das características investigadas. Medidas de alexitimia são particularmente interessantes quando utilizadas dentro de um contexto maior, ou seja, quando os profissionais se interessam em ajudar o atleta na preparação e no desenvolvimento de sua vida profissional futura. Finalmente, novos estudos devem ser conduzidos a fim de verificar a existência de correlações entre alexitimia e outras características de personalidade dos atletas e/ou estudantes de educação física, bem como explorar possíveis diferenças ou semelhanças estatísticas conforme certas variáveis de controle (sexo, idade, etc.).

REFERÊNCIAS

- APFEL, R. J.; SIFNEOS, P. E. (1979). Alexithymia: concept and measurement. **Psychotherapy and Psychosomatics**, **32**, 180-190.
- BAGBY, R. M.; TAYLOR, G. J.; PARKER, J. D. (1992). **Reliability and validity of the 20-Item Toronto-Alexithymia-Scale**. Poster apresentado no Encontro do 50º Aniversário da American Psychosomatic Society. Nova York, NY.
- BALBINOTTI, M. A. A.; WIETHAEUPER, D. Princípios e regras fundamentais do consentimento informado: uma proposta de intervenção em psicologia. **Revista Fahrenheit** **451**, v. ano II, n. 3, 2002.
- CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução n.º 196**, de 10 de outubro de 1996. Disponível [online] http://www.extranet.ceuma.br/downloads_2007/pesquisa/comite_resolucao.pdf. Acessado em 25/01/2008
- CRONBACH, L. J. (1951). Coefficient alpha and the internal structure of tests. **Psychometrika**, **16**, 297-334.
- CRONBACH, L. J. (1988). Internal-Consistency of tests: Analyses old and new. **Psychometrika**, **53**, 63-70.
- CRONBACH, L. J. (1996). **Fundamentos da Testagem Psicológica**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- CRONBACH, L. J.; MEEHL, P. E. (1955). Construct validity in psychological tests. **Psychological Bulletin**, **52**, 281-302.
- CRONBACH, L. J.; RAJARATNAM, N.; GLESER, G. C. (1963). Theory of generalizability: A liberalization of reliability theory. **The British Journal of Statistical Psychology**, **16**(2), 137-163.
- FARYNA, A.; RODENHAUSER, R.; TOREM, M. (1986). Development of Analog Alexithymia Scale: testing in a patient population. **Psychotherapy and Psychosomatics**, **45**, 201-206.
- GOLDIM, J.R. Núcleo Interdisciplinar de Bioética do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. **Princípio do Respeito à pessoa ou da autonomia**. Disponível [online] <http://www.bioetica.ufrgs.br/autonomia.htm>. Acessado em 23/01/2008a.
- GOLDIM, J.R. Núcleo Interdisciplinar de Bioética do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. **Princípio da Beneficência**. Disponível [online] <http://www.bioetica.ufrgs.br/beneficencia.htm>. Acessado em 23/01/2008b.

GOLDIM, J.R. Núcleo Interdisciplinar de Bioética do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. **Princípio da Não-Maleficência**. Disponível [online] http://www.bioetica.ufrgs.br/não_maleficencia.htm. Acessado em 23/01/2008c.

KIRMAYER, L. J. (1987). Languages of suffering and healing: alexithymia as a social and cultural phenomenon. **Transcultural Psychiatry Research Review**, **24**, 119–36.

KLEIGER, J. H.; KINSMAN, R. A. (1980). The development of an MMPI alexithymia scale. **Psychotherapy and Psychosomatics**, **34**, 17-24.

KRYSTAL, H. (1988). **Integration and self-healing: affect trauma, alexithymia**. Hillsdale, NJ: Analytic Press.

KRYSTAL, H.; GILLER, E. L.; CICCHETTI, D. V. (1986). Assessment of alexithymia in posttraumatic stress disorder and somatic illness: introduction of a reliable measure. **Psychosomatic Medicine**, **48**, 84-94.

MAGUIRE, T. O.; ROGERS, W. T. (1989). Proposed solutions for nonrandom in educational research. **Canadian Journal of Education**, **14**, 170,181.

NEMIAH, J. C.; SIFNEOS, P. E (1970). Affect and fantasy in patient with psychosomatic disorders. In: Hill, O. W. (Ed.), **Modern Trends in Psychosomatic Medicine**, vol. **2**, pp. 26-34. London: Butterworths.

PASQUALI, L. (2003). **Psicometria: Teoria dos testes na psicologia e na educação**. Petrópolis: Vozes.

PRINCE, R. (1987). Alexithymia and verbal psychotherapies in cultural context. **Transcultural Psychiatry Research Review**, **24**,107-18.

SIFNEOS, P. E. (1972). Is dynamic psychotherapy contraindicated for a large number of patients with psychosomatic disease? **Psychotherapy and Psychosomatics**, **21**, 133-136.

SIFNEOS, P. E. (1973). The prevalences of alexithymic characteristics in psychosomatic patients. **Psychotherapy and Psychosomatics**, **22**, 255-262.

TAYLOR, G. J.; BAGBY, R. M.; PARKER, J. D. A. (1991). The alexithymia construct: a potential paradigm for psychosomatic medicine. **Psychosomatics**, **32**, 153-164.

TAYLOR, G. J.; BAGBY, R. M.; PARKER, J. D. A. (1997). **Disorders of affect regulation: alexithymia in medical and psychiatric illness**. Cambridge (UK): Cambridge Univ. Press.

TAYLOR, G. J.; BAGBY, R. M.; PARKER, J. D. A. (2003). The 20-Item Toronto Alexithymia Scale IV. Reliability and factorial validity in different languages and cultures. **Journal of Psychosomatic Research**, **55**, 277-283.

TAYLOR, G. J.; RYAN, D. P.; BAGBY, R. M. (1985). Toward the development of a new self-report alexithymia scale. **Psychotherapy and Psychosomatics**, **44**, 191-199.

VALLERAND, R. J. (1989). Vers une méthodologie de validation transculturelle des questionnaires psychologiques: implications pour la recherche en langue française. **Psychologie Canadienne**, **30**, 662-680.

WIETHAEUPER, D.; BALBINOTTI, M. A. A. (2003). **Escala Toronto de Alexitimia**. Versão Brasileira da Toronto Alexitimia Scale. Escala não publicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.

WIETHAEUPER, D.; BALBINOTTI, M. A. A.; PELISOLI, C.; BARBOSA, M. L. (2005). Estudos da Consistência Interna e Fatorial Confirmatório da Escala Toronto de Alexitimia-20 (ETA-20). **Revista Interamericana de Psicologia/Interamerican Journal of Psychology**. Vol. **39**, Num. **2** pp. 221-230.

WIERZBICKA, A. (1999). **Emotions across languages and cultures**. Cambridge (UK): Cambridge Univ. Press.

¹ Collectif de recherche en counseling et développement de carrière (CRCDC)/Université de Sherbrooke (Canadá),

² Department of Psychosocial Studies/Douglas Mental Health Institute (Montréal, Canadá),

³ Núcleo de Estudos em Pedagogia e Psicologia do Esporte - NEPE/ESEF/UFRGS.